

A Jornada Fractal do Herói Integral

Os heróis têm sido uma fonte de inspiração e um espelho para o self em desenvolvimento desde as sociedades primitivas de tradição oral e, ao que parece, estão longe de sair da moda. Mas afinal, que tipo de herói melhor espelha os homens e mulheres contemporâneos? E como a sua jornada pode nos inspirar em nossos desafios?

“O único mito sobre o qual vale a pena pensar no futuro imediato é aquele que fala do planeta, não sobre ‘esta cidade’ ou ‘este povo’ mas sobre o planeta todo e todos que vivem nele. Essa é a minha idéia principal sobre qual será o futuro mito. E o seu tema será exatamente o mesmo de todos os mitos: a maturação do indivíduo, o caminho gradual e pedagógico a seguir desde a dependência até a vida adulta, até a maturidade e depois até a saída. E como fazer isso. E então, como relacionar esta sociedade com o mundo da natureza e do cosmos. É sobre isto que todos os mitos falam e é disso que o próximo mito deverá falar. Mas a sociedade sobre a qual ele falará é a sociedade planetária e até que isto aconteça, nós não temos nada.”

Joseph Campbell faleceu em 1987 cerca de um ano após dizer estas palavras em sua conversa com Bill Moyers na série “O Poder do Mito”. Ele se foi sem ter o privilégio de testemunhar o surgimento da internet como fenômeno social global e sem ter assistido a superprodução Matrix, que entrou em cartaz em 1999 nas telas de cinema do mundo todo. Se ele estivesse vivo, seria plausível imaginá-lo na poltrona do cinema dizendo animadamente: “Era sobre isso que eu falava!”.

Independente de qual seria a opinião de Joseph Campbell sobre o filme, Matrix seguiu à risca a estrutura da Jornada do Herói em uma linguagem contemporânea e, muito mais que isso, ampliou para um contexto abarcador de toda a humanidade. Os diálogos de Matrix servem à sua história enquanto falam muitas vezes explicitamente sobre o que é implícito na maioria das histórias, daquilo que é possível se apreender dos símbolos presentes nos mitos.

Durante esta transição de milênio é cada vez mais evidente os colossais desafios globais que enfrentamos como membros da humanidade, é cada vez mais difícil não perceber os efeitos dos grandes problemas em nossas vidas: seja o aquecimento global, a degradação da natureza por ação do homem, seja a fome crônica em muitos países, os movimentos migratórios e a intolerância, as crises econômicas transnacionais, o que evidenciam a importância de histórias que falem sobre heróis globais.

Porém, este tipo de desafio global não são os únicos que temos que transpor; ainda somos animais que, como Hércules, temos que lutar para direcionar nossos impulsos mais instintivos ao mesmo tempo que lutamos pela sobrevivência, somos também seres sociais e temos que desempenhar uma série de papéis: como pais temos responsabilidades no cuidado dos filhos, temos que ser bons profissionais, bons cidadãos, manter nossas casas limpas e arrumadas, temos que cuidar da nossa saúde e bem-estar, temos que nos entender com os nossos parceiros afetivos ao mesmo tempo que nutrimos e expressamos a nossa própria natureza sexual, temos que aprender e desenvolver novos ofícios o tempo todo. Enfim,

vivemos uma incontável série de situações de vida ao mesmo tempo, o que por um instante faz parecer que Neo ou Hércules tiveram uma vida fácil.

O Herói dos nossos tempos não apenas deve lidar com desafios globais como também deverá fazê-lo ao mesmo tempo em que enfrenta seus desafios mais particulares e os seus desafios compartilhados como membro de uma família ou grupo; ele é o tempo todo desafiado a integrar seus diversos mundos em um todo coerente e harmônico, sempre em evolução. O herói do século XXI percorre uma jornada fractal, multidimensional e multinivelada, ele deve transitar por contextos cada vez mais profundos e complexos, assim como Dom Cobb, o invasor de sonhos do filme *A Origem* (*Inception*, Chris Nolan, 2010) que resolvia desafios intrincados movendo-se por sonhos dentro de outros sonhos, dentro de outros sonhos...

Uma Abordagem Integral para a Jornada do Herói

Segundo Campbell o Herói é *'aquele que realiza algum feito extraordinário que ultrapassa a experiência comum da vida, ou então, é alguém que se sacrifica por alguém diferente ou algo maior que si mesmo'* (Campbell, *Poder do Mito* 1986). Especificamente nesta definição, o conceito de heroísmo pode ser usado tanto para os heróis mitológicos antigos, como também para os heróis modernos e pós modernos (sem necessariamente sermos capturados pela falácia pré-transⁱ); e desta forma serve simbolicamente para a condição humana em seu amplo espectro. Neste enfoque, o herói representa o próprio sistema do Selfⁱⁱ de um indivíduo.

A Jornada do Herói (ou monomito) sintetizada por J. Campbell é o enredo básico comum (independente da época ou cultura em que a história foi criada) no qual os heróis percorrem em sua aventura, com implicações externas (os desafios, provações e feitos heróicos) e internas (o desenvolvimento ou mudança interior que o herói realiza). Resumidamente, esta jornada é um ciclo de saída do mundo conhecido pelo herói (o estado interno estabilizado em que o herói inicialmente se encontra, ou zona de conforto), a iniciação ou experiência pelo mundo desconhecido com todos seus perigos e provações (a perda de estabilidade e as crises inerentes a uma mudança) e o retorno ao mundo conhecido em posse da cura ou resolução do problema para restaurar o equilíbrio (o restabelecimento da estabilidade, agora em um estágio maior, mais maduro, incluindo os aprendizados trazidos pelo processo de mudança).

Desta maneira, a Jornada do Herói tem uma validade perene e ilustra sinteticamente cada movimento que o Herói faz (e todos nós fazemos) no sentido de transpor um determinado contexto limitador até se estabilizar num contexto mais amplo – sendo assim, a Jornada do Herói nada mais é que a descrição simbólica do processo de transcendência e inclusão pelos níveis de desenvolvimento.



As fases da Jornada do Herói e o processo de Desenvolvimento (Transcender e Incluir)

Porém, embora a Jornada do Herói ofereça um padrão comum a todos os tipos de aventuras, não podemos estreitar a nossa visão ignorando a imensa complexidade e diversidade entre as formas de heroísmo e as características específicas de cada mudança que experienciamos em nossas vidas particulares. Se o heroísmo significa ir além de um determinado contexto limitador, podemos dizer que há tantas formas de heroísmo quanto os contextos a serem transcendidos: Hércules enfrentou desafios afim de domar a sua fera interior possibilitando-o integrar-se na sociedade humana; ao passo que Neo enfrentou o contexto autoritário e repressivo da sociedade humana, a Matrix, para integrar-se às suas próprias verdades transcendentais e ambos ainda são heróis diferentes dos príncipes virtuosos das lendas e contos de fadas, que colocam-se à serviço do *status quo* como salvadores, promovendo o acesso aos rejeitados ou vitimizados às exigências e benesses do sistema a qual o herói jura lealdade. Em suma, se não levarmos em conta estas particularidades de contexto e motivação, podemos seguir as pegadas do herói errado, escolhendo e abordando os desafios contrariamente aos nossos sutis e profundos anseios.

Neste ponto a Abordagem Integral pode servir para enriquecer imensamente a Jornada do Herói, oferecendo um quadro amplo que evidencia os diversos contextos aonde as diversas Jornadas Heróicas que enfrentamos diariamente, como heróis do próprio cotidiano, estão acontecendo. Portanto, para o Herói Integral, a Abordagem Integral pode servir perfeitamente na determinação do território e seus domínios, enquanto a Jornada do Herói serve para ilustrar as fases em que o Herói se encontra nos diversos percursos em que ele trilha simultaneamente.

Os Desafios do Herói Integral e a sua Jornada Fractal

Pode-se dizer que o Herói Integral possui os mesmos desafios que os heróis que o precederam ou que irão sucedê-lo. O que difere é que o Herói Integral percebe os seus desafios como parte de uma mesma trama, entendendo-os como facetas de uma mesma e complexa questão transcendental; e justamente por esta percepção ampliada, este problema ganha camadas e nuances oriundos de uma maior complexidade percebida por ele.

Os desafios aparentes podem ser inúmeros, o drama pode ser contado de diversas formas, mas na essência, para efeito desta primeira aproximação ao tema, veremos que o Herói Integral se depara com desafios nos contextos de 4 principais dimensões da vida (baseados nos 4 quadrantes): a **Jornada da Vida Particular** que é o foco individual e objetivo de conquistas e realizações no cotidiano; a **Jornada da Vida Interior** que refere-se aos desafios subjetivos e individuais de autoconhecimento e maturidade; a **Jornada da Vida Cultural**, a respeito de como o indivíduo se insere como parte de uma coletividade de relações subjetivas e finalmente a **Jornada da Vida Social**, que refere-se aos desafios de se inserir socialmente como parte de uma coletividade objetiva. Em cada uma destas 4 dimensões, vamos identificar os desafios do Herói em seus três grandes estágios de desenvolvimentoⁱⁱⁱ, totalizando assim 12 grandes Desafios Heróicos^{iv} que ele enfrenta. Veja no quadro abaixo:



Desafios no Estágio Pré-Pessoal (ou Egocêntrico)

Os desafios no primeiro estágio de desenvolvimento, referem-se àqueles oriundos do contexto de desenvolvimento primário e instintivo do ser humano, que adquirimos em grande parte durante a infância e adolescência, por aprendizado e ressonância mórfica (Rupert Sheldrake), por estarmos imersos numa coletividade que já assimilou estes estágios pela evolução humana de milhares de anos. Porém, raramente temos as condições ideais para um desenvolvimento pleno nesta fase, por fatores ambientais e também por características inatas da personalidade individual; ao chegar a fase adulta, portanto, poderemos ainda carregar algumas pendências de desenvolvimento que poderemos visitar afim de restaurar e resignificar esta base de desenvolvimento, beneficiando o nosso self como um todo.

Estas pendências referem-se em grande parte à formação do *self* com objetivo de proteger o próprio mundo interno e operar no mundo externo; e surgem na fase adulta, nos diversos contextos de vida, como os seguintes desafios:

1. Na Vida Particular (Realização Cotidiana):

“Garantir a sobrevivência na vida cotidiana”;

2. Na Vida Interior (Autoconhecimento e Maturidade):

“Autoafirmar-se e direcionar a intensidade emocional com segurança”;

3. Na Vida Cultural (Pertencer e se Relacionar):

“Ser capaz suprir as próprias carências afetivas para pertencer ao grupo”;

4. Na Vida Social (Integrar-se à Sociedade e Influenciá-la):

“Viver em sociedade e seguir as suas regras”.

Desafios no Estágio Pessoal (ou Etnocêntrico)

A fase adulta encerra seus próprios desafios, originários do desenvolvimento psicológico de uma mente operacional reflexiva, capaz de cumprir papéis sociais e ponderar sobre si mesma. Dependendo do contexto de vida em que o indivíduo adulto vive, ele será exigido mais ou menos em suas capacidades de desenvolvimento; porém, apenas pelo fato de participar ativamente de uma sociedade gregária e de cumprir papéis como a paternidade ou maternidade, o indivíduo terá desafios que estão além do nível do estágio anterior.

Considerando o potencial total de desenvolvimento de um indivíduo que se percebe 'separado' e 'único' entre os indivíduos de sua espécie, os desafios que ele terá que enfrentar tem como característica básica a busca do equilíbrio capaz de sustentar os paradoxos gerados pela própria condição separada, própria do estágio pessoal, e estes desafios de equilíbrio são percebidos nos contextos da vida como:

5. Na Vida Particular (Realização Cotidiana):

“Sobreviver, conquistando a autonomia, a autoestima e o respeito por quem se é”;

6. Na Vida Interior (Autoconhecimento e Maturidade):

"Desenvolver a reflexão crítica mantendo (ou recuperando) o significado e o encantamento pela realidade";

7. Na Vida Cultural (Pertencer e se Relacionar):

"Ser capaz de equilibrar as próprias necessidades afetivas com as necessidades dos outros";

8. Na Vida Social (Integrar-se à Sociedade e Influenciá-la):

"Equacionar o impulso individualista por realização cumprindo o um papel na sociedade".

Desafios no Estágio Transpessoal (ou Kosmocêntrico)

Além do estágio pessoal, o *self* tem a capacidade de transpor a identidade separada e operar em um estágio que resolve os paradoxos existenciais próprios do indivíduo, reduzindo drasticamente o nível de medo e de tensão existencial. Os Desafios da fase transpessoal tem em comum a necessidade de uma entrega do indivíduo que aceita a 'morte' da identidade separada e 'renasce' como um *self* integrado (todas as fases existenciais requerem uma pequena 'morte' da identidade anterior, porém esta fase requer uma morte da identidade em si). Porém, ao contrário do que normalmente se pensa, a vida de um *self* integrado não é isento de Desafios, pois ao transcender aos paradoxos internos, o ser integrado torna-se *o próprio paradoxo* para o contexto existencial da sociedade em que este *self* se insere; e estes Desafios nos diversos contextos de vida são:

9. Na Vida Particular (Realização Cotidiana):

"Sobreviver, experienciando a autenticidade e a liberdade material";

10. Na Vida Interior (Autoconhecimento e Maturidade):

"Transcender à separação psicológica do Eu, integrando-se à realidade";

11. Na Vida Cultural (Pertencer e se Relacionar):

"Transcender às construções culturais, tornando-se íntegro nas relações humanas";

12. Na Vida Social (Integrar-se à Sociedade e Influenciá-la):

"Agir de acordo com direitos universais éticos independente das leis, tornando-se um artista social".

'Desafios' ou 'desafios'?

Olhando para a lista acima alguém pode dizer - *'mas o meu desafio não está nesta lista!'* ou então *'meu problema é falta dinheiro, isso que dizer falta de autonomia?'*.

Nestes dois casos, a questão aqui é saber diferenciar o que são problemas aparentes e o que são os Desafios Heróicos que se ocultam por trás dos problemas aparentes.

Por exemplo, numa situação de um grave problema financeiro, um indivíduo poderá simplesmente se focar na falta de dinheiro e não perceber que por trás dele na verdade se ocultam os verdadeiros Desafios Heróicos, como a dificuldade para dizer 'não' a alguém (um Desafio na Jornada Cultural no estágio Pessoal - número 7) ou então aprender a desapegar-se de tudo que já conquistou e entregar-se à liberdade material (um Desafio na Vida Particular no estágio Transpessoal - número 9); ao se focar em soluções para os problemas aparentes, muito provavelmente o máximo que ele conseguirá será postegá-lo através de soluções paliativas, porém, ao identificar o verdadeiro Desafio que se oculta por trás daquele problema, ele poderá enfrentá-lo adequadamente, o que poderá significar numa mudança real naquela situação.

Outra diferença importante é que a resolução de um desafio menor, com 'd' minúsculo, não leva a um salto de desenvolvimento pessoal, na maior parte das vezes, significa apenas conformação no estágio que a pessoa já conhece muito bem e que constitui a sua zona de conforto; já resolver um Desafio Heróico significa confrontar-se com os limites das próprias crenças e capacidade de antever uma determinada situação, e este enfrentamento requer uma disposição pessoal muito grande, capaz de fazê-la romper com os próprios limites pessoais e a sua autoidentidade, o que o leva a um outro estágio de desenvolvimento^v.

Porém, somos seres complexos em vidas mais complexas ainda, o que dificulta muitas vezes a identificação dos reais Desafios que temos que encarar em determinado momento, para isso, o exemplo de conduta do Herói Integral no reconhecimento e enfrentamento dos Desafios é um parâmetro útil para todos que pretendem guiar-se em busca do autoconhecimento e desenvolvimento pessoal.

As Quatro Atitudes do Herói Integral

Para corretamente identificar e enfrentar esta trama complexa de Desafios, o Herói Integral necessita de competências presentes em todos os níveis de consciência, que ele aciona conforme necessário a partir um conjunto de *atitudes integrais* assertivas. Estas posturas inicialmente são exercitadas como *práticas de Vida Integral*, que podem ser gradualmente internalizadas durante a emergência e consolidação da consciência de *segunda-camada*^{vi}.

Atitude 1: Discernir e integrar o que está dentro e o que está fora.

Os heróis míticos costumavam enfrentar feras e bestas, desafios exteriores que confrontavam em sangrentas batalhas. Estas feras exteriores correspondiam a aspectos ainda inconscientes e não integrados de seu ser (interiores), e a superação destes desafios serviam ao desenvolvimento do autocontrole, na formação de um ego sólido. Os Heróis Integrais fazem isto de forma consciente, indo em busca de suas feras interiores através das pistas que encontram no mundo exterior.

Quanto mais o Herói percebe a profunda conexão entre o seu mundo 'interior' subjetivo e o mundo 'exterior' objetivo, maior é a capacidade dele causar mudanças significativas nos dois domínios de sua vida: no seu desenvolvimento interno e nas suas relações subjetivas; e na organização do seu cotidiano e participação social.

O perigo maior do Herói Integral neste contexto é a confusão inerente ao processo: com a progressiva percepção da ligação intrínseca do mundo interno com o mundo externo, como discernir um do outro sem perder o referencial e portanto a capacidade de interagir conscientemente?

No filme '*A Origem*' (Inception, Chris Nolan, 2010), o maior risco que Dom Cobb e seus comparsas invasores de sonhos correm é precisamente este: não saberem diferenciar o mundo interno do mundo externo, o que os levaria a perderem-se no *limbo*. Para ajudá-los na tarefa, as personagens usam *totens*, pequenos objetos de significado particular, que guiam os heróis nesta diferenciação dos mundos, garantindo o retorno à realidade objetiva.

Os *totens* do filme são referenciais para o ego, ou seja, do aspecto da consciência que é capaz de criar este discernimento, separando o mundo interno (o estado de sonhos de Cobb) do mundo externo (o estado de vigília). Este recurso narrativo nos lembra que dificilmente um indivíduo é capaz de acessar estados transpessoais da consciência e voltar são, se não tiver um ego sólido para estabilizá-lo na empreitada.

Este desafio transpessoal da integração dos mundos incita em nós o medo essencial da dissolução, da perda da identidade ou loucura; porém, uma vez que o ego esteja bem estruturado para enfrentá-lo, a superação deste Desafio Heróico leva à uma valiosa conquista: a fluência de não ser compelido a agir por forças subjetivas ou por demandas objetivas, participando assim da realidade de maneira lúcida (sem transferências ou projeções), desapegada e com maior autonomia.

Atitude 2: Discernir e integrar o que é pessoal e o que é coletivo.

Integrar a vida pessoal com a vida coletiva é possivelmente o desafio heróico mais percebido e enfrentado na sociedade contemporânea, mas não necessariamente têm sido trilhado com o mesmo compromisso que o Herói Integral. De fato, integrar as ânsias por segurança e realização na esfera particular dentro de uma coletividade com suas próprias regras explícitas e implícitas é um desafio vivenciado desde que o homem começou a se organizar socialmente.

Os heróis antigos precisavam desenvolver o autodomínio para poder saciar as próprias necessidades sem no entanto causar danos à coletividade, o que permitia à ele ingressar como membro aceito da sua sociedade, com seus direitos e deveres compatíveis.

Apesar da grande evolução nas sociedades contemporâneas em comparação com as sociedades antigas, vemos que grande parte dos desafios do herói egocêntrico ainda estão presentes atualmente - se observa amplamente nas nossas sociedades a repressão dos impulsos egocêntricos ao invés de desenvolvimento. Primeiro, veio a repressão por parte dos valores rígidos das sociedades tradicionalistas e, posteriormente, a repressão emocional por parte das sociedades modernas balisadas pelo comportamento lógico-racional.

Nos últimos tempos vemos a crescente valorização do tipo *anti-herói*, ou seja, um herói não convencional e cheio de defeitos que realiza façanhas não necessariamente elogiosas aos olhos da sociedade na qual ele faz parte.

O *anti-herói* que se destaca na produção cultural na atualidade é em grande parte fruto de um processo de relaxamento das repressões das sociedades que migram para os valores pluralistas, ou seja, a aceitação coletiva das pulsões primitivas ou instintivas do indivíduo, o que por si é uma grande conquista; contudo, este anti-herói geralmente traz suas sombras à tona para abraçá-las como parte da sua identidade, legitimando-as num reforço egóico, ao passo que o Herói Integral o faz acolhendo-as para gentilmente transmutá-las, na transcendência do ego.

Este é o risco que o Herói Integral enfrenta ao trilhar este desafio: confundir este *anti-herói* pós moderno, que meramente acopla racionalmente a sombra cristalizando-a como parte da sua personalidade, com o herói transconvencional que em algum momento transpõe os limites e regras aceitos convencionalmente pela sociedade, e por este motivo, tornar-se uma outra espécie de *anti-herói*. Em outras palavras, o Herói Integral deve estar atento para não confundir o caminho cínico e autocomplacente do Dr. House com o caminho de autosacrifício de Batman, o Cavaleiro das Trevas.

A saga de redenção de Dom Cobb em 'A Origem' é um exemplo desta tênue linha. A sua missão heróica é uma transgressão criminosa por um lado mas que paradoxalmente o levaria a recuperar a sua cidadania e o direito de rever os seus próprios filhos. A sua jornada particular que em princípio não evoca a nobreza de preocupações coletivas é realizada em grande parte sob a sombra da culpa e da dissimulação, porém, o que se observa é que a realização da jornada leva ao mesmo tempo à transmutação da culpa pelo trágico destino de sua esposa, o 'esquecimento' da sociedade com relação ao seu passado criminoso, à possibilidade de exercer livremente o seu papel de pai (o que está intrinsicamente conectado ao fato de, ao liberar a culpa, ele está pronto para assumir a responsabilidade) e finalmente, no destino da vítima do golpe, o empresário que teve seu sonho invadido, que ao que tudo indica também realiza a sua redenção como filho através da intervenção de Dom Cobb.

Se no filme há questionamentos éticos quanto aos seus métodos de intervenção, a implantação de uma idéia no inconsciente da vítima, vale lembrar que é basicamente assim que nos desenvolvemos: quando uma nova idéia que nos toca profundamente nos mobilizando, a despeito dos nossos mecanismos superficiais de defesa.

Quanto mais profundo o Herói trilha nesta jornada aonde a vida particular e a vida social se tocam, quanto mais é percebido as nossas estreitas ligações pessoais com toda a dinâmica coletiva e portanto, do impacto das nossas ações para o conjunto da humanidade, mais evidente e aparente ficam os paradoxos. Inevitavelmente o Herói Integral será julgado como o malfeitor da história vez ou outra, e ele certamente irá se questionar: Estou sendo movido por motivações mesquinhas ou estou sendo movido por amor desprendido? É uma artimanha do ego ou é uma verdade transcendente?

Uma vez superado este aparente paradoxo, a liberação do Ser se dá pela seguinte constatação: *O bem (absoluto) do Todo não é necessariamente o bem (relativo) de todos num determinado contexto.*

Atitude 3: Harmonizar os diversos estágios e desenvolver-se com integridade - integração vertical

A noção de que a realidade está organizada em estágios ou níveis é relativamente nova para a ciência e ainda está obscura para a maioria das pessoas. Esta percepção da realidade multinivelada é intuída pelo Herói Integral que sabe que em cada estágio ou nível há um conjunto de características próprias daquele nível, e que este conhecimento permite à ele intervir na nossa própria realidade complexa de uma maneira estratégica, causando um efeito sistêmico no todo.

Em Matrix, Neo aplacou uma guerra entre a subterrânea Sion (habitada pelos humanos), a Matrix (a projeção virtual criada pelas máquinas) e pela cidade das Máquinas da superfície, quando percebeu que havia uma interdependência entre cada um destes planos e negociou a paz tendo em vista a sobrevivência do sistema como um todo, obtendo a liberdade de cada um se expressar livremente sem interferências dos outros domínios. Como já dito por Ken Wilber na interpretação do filme, Sion simboliza o nível do corpo físico e o estágio instintivo/emocional de desenvolvimento humano, enquanto a Matrix representa a tela das projeções do nível mental e o estágio construtivo/racional e finalmente o mundo das máquinas representa (ironicamente) o nível espiritual e os estágios causal/sutil de desenvolvimento - cada qual possui uma função e um valor em si e a boa preservação do conjunto depende da plena expressão de cada um destes níveis de forma saudável. Assim é em Matrix como também é na vida de cada um de nós!

Da mesma forma, Don Cobb no filme A Origem, explora conscientemente esta noção dos níveis de consciência (ou de complexidade) em seus planos. Ele sabe que precisa ir num determinado nível profundo do inconsciente de sua 'vítima' para implantar uma determinada idéia e assim causar o efeito desejado, mas para esta ação ser bem sucedida, ele deve traçar um plano que envolve a penetração progressiva de todos os níveis anteriores. Embora o *locus* da resolução do Desafio está em um determinado nível, o preparo adequado de todos os outros níveis são essenciais na missão.

Nos tempos atuais de enorme complexidade, a dimensão coletiva da sociedade muitas vezes nos exige e nos puxa para o desenvolvimento de um nível de maior complexidade individual, somos compelidos e autoexigidos nesta direção, porém, se não tivermos razoavelmente bem resolvidos nos níveis mais básicos de nossas vidas, muito provavelmente o que conseguiremos será apenas *stress*, fragmentação e dor. Como já mencionado anteriormente, o ego precisa estar bem estruturado para não sermos aniquilados pela complexidade no nível transpessoal.

A fluência desta atitude leva o Herói Integral a desenvolver uma constância e sentido de integridade superior, tornando-o num grande estrategista, que sabe identificar as relações de causa e efeito nos diversos níveis, permitindo intervenções precisas e sofisticadas e possibilita-o exercer maior liderança (vertical) e diplomacia (horizontal), pela capacidade de 'ler' melhor as motivações, ocasionando numa melhor interação com o meio circundante.

Atitude 4: Realizar a integração horizontal pela percepção das polaridades

Seja nas dimensões objetiva e subjetiva ou individual e coletiva da vida do Herói, ele se desenvolve à partir da sua relação de diferenciação e integração com os assuntos de cada uma das áreas de sua vida, em todos os níveis.

Se todos nós nos desenvolvêssemos de uma forma linear, seguindo fielmente a descrição do desenvolvimento feita pelos especialistas, perceberíamos claramente que nosso desenvolvimento global parte de uma total identificação com o nosso meio (o bebê não percebe-se diferente da mãe e do ambiente) até uma diferenciação completa dos fenômenos (inclusive da idéia de 'eu') com a consequente integração horizontal, nos níveis mais maduros e transpessoais. Porém, nosso desenvolvimento não é assim linear, pois somos sujeitos a muitos acidentes no percurso, como repressões, traumas, projeções e formação de subpersonalidades durante o processo, o que nos leva em muitos momentos não saber se um determinado problema refere-se a uma parte infantilizada e pouco diferenciada ainda ativa em nosso inconsciente, mesmo se experimentamos estados transpessoais com frequência, ou se cognitivamente estejamos bastante desenvolvidos.

Por isso, o Herói Integral mantém a consciência aberta para discernir, momento a momento, quais fenômenos e objetos circunstanciais da observação referem-se à ele ou não num determinado contexto. Esta observação crítica que polariza o sujeito (o Herói) do objeto (da realidade percebida ao redor) está à serviço do desenvolvimento como uma ferramenta potente que ajuda-o a conhecer-se melhor pelo reflexo visto no espelho da realidade.

Assim, o Herói pode descobrir muito sobre si mesmo e o mundo a seu redor, à partir dos resultados das suas ações, pelas reações e julgamentos recebidos por terceiros, pelas consequências observáveis e pelas próprias reações emocionais. Este é um importante modo para identificar pontos cegos da própria personalidade, integrar sombras, perceber dinâmicas inconscientes que sabotam a própria consciência do Herói. Por exemplo, se algumas pessoas que nos conhecem intimamente insistem em nos cobrar ou apontar para um 'defeito' não visto por nós, pode ser uma indicação para realizarmos uma autoanálise profunda, pois às vezes somos incapazes de perceber uma determinada falha de caráter pessoal a nos sabotar; no entanto, devemos fazê-lo com o discernimento que o julgamento externo também está carregado pelo viés da perspectiva particular que raramente será totalmente precisa ou imparcial.

Quanto mais fundo o Herói for na empreitada, rastreando os aspectos ainda desconhecidos sobre seu próprio desenvolvimento, mais rapidamente ele amadurecerá, porém, enquanto ele trilha este caminho de autoconhecimento, o cerco apertará em torno de tudo aquilo que ainda não está integrado, polarizando na forma de uma oposição frontal a desafiá-lo a um confronto decisivo.

Na saga de Neo, em Matrix, a resolução final só foi possível após o confronto final e depois a integração de Neo com o Agente Smith, seu aspecto negado que se multiplicava na medida que sua própria consciência sobre si mesmo e a realidade também se expandia. Da mesma forma, em A Origem, Don Cobb só pode concluir seus planos depois de confrontar a

sua culpa, personalizada pela imagem cristalizada no inconsciente de sua ex esposa falecida, que sabotava-o em suas tentativas.

A atitude do Herói, de assertivamente buscar pelos aspectos não integrados é, em outras palavras, um compromisso assumido por ele para trilhar a sua jornada heróica de maneira consciente, o que significa que este Herói assume integralmente a responsabilidade pela própria vida, num trajeto muito desafiador, mas também cheio de recompensas e de valor.

Pegadas no Futuro

Ao que parece, os Heróis das histórias vindouras irão cada vez mais retratar a difícil arte de fluir pela complexidade com sabedoria, já temos alguns bons exemplos e outros virão para iluminar ainda mais os caminhos da humanidade. E todos nós, como co-autores e protagonistas das nossas próprias histórias, podemos desde já seguir estes tênues sinais, e assim, ao vivermos cada um a própria história, deixaremos nosso próprio rastro para a geração de heróis de amanhã.

ⁱ A falácia Pré Trans é um conceito de Ken Wilber que descreve a confusão intelectual entre aspectos pré-rationais (inconscientes) com aspectos transpessoais (supraconscientes), como se fossem a mesma coisa. O próprio Ken Wilber já apontou a falácia Pré Trans em Joseph Campbell, quando este sugeria que os povos antigos sabiam que falavam de aspectos transcendentais em seus mitos, quando na verdade estavam expressando seus aspectos inconscientes.

ⁱⁱ Segundo Ken Wilber, o *self* ou *sistema do self* é o centro da consciência e tem as seguintes características básicas: 1. Identificação (separa o eu/me do não-eu/me); 2. Organização (um princípio de organização para as partes ou subestruturas da mente); 3. Vontade (local da livre escolha, nos limites estabelecidos pelo nível de desenvolvimento); 4. Defesa (local dos mecanismos de defesa); 5. Metabolismo (digestão e assimilação de experiências); 6. Navegação (movimentos pela estrutura de desenvolvimento - vertical: evolução ou regressão e horizontal: integração ou diferenciação). (Fonte: Transformações da Consciência, Ken Wilber - Ed. Cultrix, 2005).

ⁱⁱⁱ Para efeito desta primeira aproximação, generalizei os contextos dos 3 grandes estágios - pré-pessoal/formação do ego, pessoal/papéis sociais e transpessoal - posteriormente será importante um maior detalhamento dos estágios intermediários, principalmente no nível pessoal, especificando mais propriamente os contextos relevantes de vida para a maioria das pessoas atualmente.

^{iv} Para a formulação dos desafios, me inspirei e utilizei como parâmetro os trabalhos sobre estágios ou níveis de desenvolvimento de Maslow (Necessidades), Fowler (Estágios da Fé), Wilber (Altitude), Loevinger/Cook-Greuter (Autoidentidade), Kohlberg (Moral), Gilligan (Cuidado) e Graves (Valores), situando-os conforme o caso, em relação aos assuntos de cada quadrante.

^v No livro 'Imunidade à Mudança', Robert Keegan e Lisa Haley referem-se a estes dois tipos diferentes de desafios como desafios técnicos e desafios adaptativos, respectivamente.

^{vi} Em seu trabalho sobre a *Espiral Dinâmica da Consciência*TM, Beck e Cowan descrevem diversos níveis estruturais de desenvolvimento de valores ou de visão de mundo. Os seis primeiros são "níveis de subsistência" marcados pelo "pensamento de primeira-camada", nestes níveis o Ser prioriza os valores que emergem no próprio nível; já os níveis subsequentes são marcados pelo "pensamento de segunda-camada", o Ser reconhece o papel essencial de cada um dos níveis anteriores, iniciando um movimento de integração e liberação consciente de seus potenciais latentes.

Ricardo Ferrer

Formado em Comunicação social é designer, co-criador e facilitador do 'Jogo do Herói'; estuda a mais de 10 anos a Abordagem Integral de Ken Wilber, com especial interesse no desenvolvimento humano e organizacional; é membro do Núcleo de Negócios do Instituto Integral Brasil.